

---

## Representações das mulheres do futebol em telenovelas: uma análise da personagem Suelen de Avenida Brasil<sup>12</sup>

Ana Carolina VIMIEIRO<sup>3</sup>

Natália Oliveira SOUZA<sup>4</sup>

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, MG

### RESUMO

Este trabalho parte de um diagnóstico sobre lacunas nos estudos da Comunicação e Esporte, onde pouco se produziu sobre representações de gênero para além do jornalismo e sobre objetos audiovisuais para além dos filmes de esporte. Nos dedicamos a explorar telenovelas, um gênero pouco analisado nesta área. Para isso, temos como foco a novela Avenida Brasil (2012) e analisamos a personagem Suelen, interpretada por Ísis Valverde. Para a análise, recorremos ao arcabouço teórico-metodológico do circuito da cultura de Hall (1997) e Johnson (1999) e olhamos para as dimensões da produção, texto e consumo. Articulamos nossos achados às imagens da periguetete e da maria-chuteira e finalizamos o trabalho considerando as conexões de Suelen com a sensibilidade pós-feminista e com a legitimação da violência de gênero de atletas contra mulheres.

**PALAVRAS-CHAVE:** gênero e esporte; telenovelas; representação; maria-chuteira; periguetete.

### INTRODUÇÃO

Este trabalho parte de um duplo diagnóstico sobre lacunas presentes nos estudos da Comunicação e Esporte no Brasil. Por um lado, percebemos que muitas pesquisas já se debruçaram sobre as representações de mulheres na mídia esportiva. Este é um dos achados de levantamento recente que analisou 174 artigos acadêmicos publicados no Brasil entre 2000 e 2020 sobre gênero e esporte (VIMIEIRO ET AL 2021). Seja com foco nas torcedoras (BANDEIRA & SEFFNER, 2018; SANTOS, 2012) ou atletas (CAFEO AT EL, 2018), com desenhos quantitativos (MARTINS & MORAES, 2007) ou qualitativos (BONFIM, 2019), com foco em modalidades específicas como o futebol

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Comunicação e Esporte, XXII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 45º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Este trabalho é resultado de projeto de pesquisa executado com o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (Fapemig). Modalidade: Edital Fapemig 001/2021 - Demanda Universal. Título do projeto: Mulheres, esporte e mídia: análise das relações de gênero e das matrizes de dominação que demarcam a presença de mulheres no campo midiático esportivo. Duração: nov/2021 - nov/2024.

<sup>3</sup> Professora do Departamento de Comunicação Social (DCS) e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM) da UFMG. Coordenadora do Coletivo Marta (Grupo de pesquisa em Comunicação e Culturas Esportivas). E-mail: [anacarolsco@gmail.com](mailto:anacarolsco@gmail.com)

<sup>4</sup> Graduanda em Jornalismo da UFMG e integrante do Coletivo Marta (Grupo de pesquisa em Comunicação e Culturas Esportivas). E-mail: [21naty05@gmail.com](mailto:21naty05@gmail.com)

---

(MOURÃO & MOREL, 2005; SALVINI & MARCHI JÚNIOR, 2013a, 2013b, 2016) ou em megaeventos como as Olimpíadas (MÜHLEN & GOELLNER, 2012), há uma ampla gama de estudos que pensam a presença das mulheres na mídia há pelo menos duas décadas no país.

Porém, esses estudos não se expandiram para olhar para representações de gênero no esporte além do jornalismo. Pouco sabemos, por exemplo, sobre a presença das mulheres na publicidade e na comunicação organizacional esportiva – com poucas exceções que mais confirmam a regra, como é o caso de Pereira e colegas (2013). Pouco sabemos sobre como as mulheres do futebol são representadas no cinema ou na televisão. Mesmo o jornalismo televisivo foi pouco explorado nessa seara dos estudos sobre representações de gênero no esporte no Brasil.

Por outro lado, vemos que há hoje um número de trabalhos que se dedicam ao cinema e aos filmes de esporte (SANT’ANA, 2021). Não é exatamente um conjunto prodigioso, mas há um número razoável de obras sobre películas específicas. São poucos, afirma Sant’ana (2021), os estudos mais amplos sobre a temática, mas eles também existem, a exemplo dos livros *O esporte vai ao cinema* (2005) de Victor Andrade de Melo e Fábio de Faria Peres, *Cinema & Esporte - diálogos* (2006) também de Victor Andrade de Melo e a coletânea *Esporte e Cinema: novos olhares* (2009) organizada por Victor Andrade de Melo e Maurício Drummond. Há nessas obras mais amplas, assim como no trabalho de Sant’ana (2021), uma busca por definir se os filmes de esporte se configurariam em um gênero cinematográfico ou um tema dessas obras.

Esse interesse por objetos audiovisuais, ainda que não seja prodigioso na academia brasileira, parece não existir com outros formatos como as telenovelas, onde a literatura é praticamente inexistente. Não temos o intuito de identificar as razões para esse estado de coisas, até porque esse texto se configura como uma primeira aproximação com o objeto de pesquisa, mas nos chama a atenção que formatos e linguagens mais associadas às artes, caso do cinema e da literatura, tenham sido significativamente mais explorados em estudos acadêmicos sobre esporte no Brasil do que formatos mais populares e ligados ao entretenimento, como as telenovelas. O único trabalho que localizamos sobre telenovelas que tem o esporte como parte da trama é justamente de Victor Andrade de Melo (2012), historiador do esporte que já explorou diversas textualidades midiáticas em sua trajetória de pesquisa, sendo inclusive um dos principais autores mencionados por Sant’ana (2021) em sua revisão de obras sobre cinema e futebol. Há trabalhos sobre as

---

obras que têm o esporte como parte significativa de seus enredos no caso das telenovelas, mas o foco não está exatamente nas representações que se faz do próprio esporte e seus personagens.

Assim, esta pesquisa busca preencher essas duas lacunas: observar representações de mulheres ligadas ao universo do futebol em práticas midiáticas para além do jornalismo; e explorar um gênero audiovisual muito consumido pelo público mas pouco estudado nos estudos do esporte, a telenovela. Nos chama a atenção que tenhamos uma variedade de telenovelas que exploram a temática do esporte, em particular o futebol, na história das telenovelas brasileiras e apenas *Irmãos Coragem*, de Janete Clair, em sua versão de 1970, tenha sido analisada em trabalho acadêmico, no caso, artigo de Melo (2012) mencionado acima. Entre as várias outras telenovelas que tiveram o futebol como parte significativa da trama, podemos citar a título de exemplo: *Vereda Tropical* (1984), a segunda versão de *Irmãos Coragem* (1995), *Zazá* (1997), *Suave Veneno* (1999), *Avenida Brasil* (2012) e *Lado a Lado* (2013). Escolhemos focar em *Avenida Brasil* pelo fato da telenovela estar disponível integralmente no Globoplay, o que facilitou o acesso ao material empírico. Também temos nesta telenovela a presença de um conjunto significativo de personagens mulheres no núcleo mais ligado ao futebol. Por fim, *Avenida Brasil* foi um grande sucesso de público, o que parece em alguma medida implicar em uma reverberação significativa de suas representações, mas também uma capacidade dessas representações dizerem desse público.

O enredo de *Avenida Brasil* gira em torno da saga de Rita (Débora Falabella) para vingar a morte do pai Genésio (Tony Ramos). Envolvidos na história estão a madrasta da menina, Carminha (Adriana Esteves), uma golpista que rouba o dinheiro da venda da casa da família, e Tufão (Murilo Benício), o jogador de futebol que atropela e mata Genésio acidentalmente. Se sentindo culpado pelo incidente, Tufão se aproxima de Carminha, a viúva, que se aproveita da situação para se aproximar do craque e ficar rica através do casamento. Começa inclusive aqui os acionamentos da representação da maria-chuteira em torno do núcleo principal da novela. Rita é abandonada no lixão por Carminha e seu cúmplice, Max (Marcello Novaes), onde sofre nas mãos de Nilo (José de Abreu). Rita é acolhida por Lucinda (Vera Holtz) e adotada por um casal argentino. Mais tarde, retorna ao Brasil em busca de vingança.

Grande parte da trama se passa no bairro do Divino, onde Tufão cresceu e vive mesmo depois da fama, e onde está localizado o Divino Futebol Clube, clube de formação

---

do jogador. Vários personagens da trama estão envolvidos com o clube em alguma medida, como jogadores, presidente, frequentadores de eventos sociais em suas dependências, entre outros. A personagem que escolhemos analisar, Suelen, é uma dessas. Suelen, interpretada por Ísis Valverde, foi um dos grandes sucessos da novela. Bonita e interesseira, Suelen demonstra ao longo da trama diversas conexões com o clube, sendo retratada como interesse romântico de seus jogadores, candidata à garota chapinha (concurso de beleza organizado pelo clube), entre outras situações.

Este artigo está assim organizado: na próxima seção, revisamos a literatura sobre representações de gênero na mídia esportiva, com foco mais detido nas feminilidades construídas nesse universo; na sequência, destrinchamos nossa análise que está dividida nas dimensões da Produção, Texto e Consumo, conforme proposta do circuito da cultura de Stuart Hall (1997) e Richard Johnson (1999). Por fim, finalizamos o trabalho, tecendo algumas considerações finais sobre as conexões de Suelen com a sensibilidade pós-feminista e com a legitimação da violência de gênero de atletas contra mulheres.

## **ARCABOUÇO TEÓRICO**

Como indicado na introdução, há uma vasta bibliografia que olha para as representações de mulheres na mídia esportiva brasileira. Fundamentalmente focada no universo do jornalismo, esse conjunto vasto de pesquisas tem dialogado com as discussões das masculinidades e feminilidades e buscado identificar como as representações, sobretudo de atletas mulheres (mas não só), acionam sentidos, comportamentos e condutas ligados a certas formas de ser mulher e homem em nossa sociedade.

Começamos essa breve revisão com o trabalho de Mueller e Goellner (2012), que analisam de forma comparativa as representações de feminilidade e masculinidade presentes na cobertura do Portal Terra dos Jogos Olímpicos de Pequim 2008. O estudo destaca que o esporte é uma prática generificada e generificadora e que a mídia tem uma função pedagógica nos ensinando valores, formas de ser e de se portar em sociedade. A pesquisa também aponta que masculinidades e feminilidades se definem reciprocamente e são produzidas na cultura através de inúmeras práticas, incluindo as esportivas. Assim como nossa pesquisa, o trabalho de Muller e Goellner (2012) aborda as representações a partir de uma visada pós-estruturalista em que estas são construídas através da linguagem, mas que, numa leitura discursiva, fazem mais do que utilizar signos para designar coisas:

---

elas têm efeitos políticos e agem como prescrições de conduta, legitimando certas formas de performar gênero.

Um dos achados do trabalho de Muller e Goellner (2012) se refere a forma como a maternidade é tratada nessa cobertura, nesse caso, como algo possível no âmbito do esporte de alto rendimento. O trabalho identifica reportagens em que as mulheres são retratadas junto aos seus filhos, como o caso de Maurren Maggi e das atletas do futebol feminino dos EUA, que subiram no pódio com eles naquela edição dos Jogos, mas não localiza narrativas sobre atletas homens como pais. De acordo com o trabalho, há nessa cobertura uma naturalização da maternidade como essencial à natureza feminina e esta parece ser mais acionada nos casos de mulheres que fogem das performances de gênero normatizadas, atuando como um reforço de suas feminilidades.

A questão da natureza do corpo feminino é um tópico amplamente discutido nesses estudos sobre o esporte na mídia, sendo abordado a partir de diferentes entradas: no passado, para justificar a incompatibilidade desses corpos com certas práticas esportivas vistas como violentas e agressivas; no presente, para reafirmar a feminilidade de corpos que performam gênero de forma não normatizada.

Sobre o primeiro, o trabalho de Franzini (2005), Goellner (2003, 2005a, 2005b) e Bonfim (2019), entre outros, demonstra como as discussões midiáticas que antecederam a proibição formal do futebol feminino no Brasil estavam calcadas numa essencialização do corpo feminino e nos efeitos negativos que modalidades viris teriam neste, cuja função reprodutiva poderia ser afetada. Essa essencialização se revestia da legitimidade científica, ao ser acionada através da fala de especialistas, que afirmavam a incompatibilidade biológica do corpo feminino com certas atividades físicas.

Sobre o segundo, estudo de Fiuza e Prado (2018) focado no programa Olhar espnW indicou que a maternidade parece ser tratada como tema obrigatório quando se fala de mulheres do esporte, essencializando a maternidade como destino feminino e reafirmando que aqueles corpos dissonantes são femininos. Jaeger e Goellner não focam na mídia, mas tratam de estratégia parecida no âmbito do fisiculturismo, onde o músculo atrofiado precisa ser “rebatido” através de estratégias de hiperfeminilização como o cuidado extensivo que as mulheres da modalidade tem com as unhas, cabelos, maquiagem e acessórios no geral. Os estudos de Salvini e Marchi Júnior focados na cobertura da Revista Placar sobre o futebol de mulheres parecem também indicar o mesmo tipo de dispositivo na década de 1980: havia um investimento em “circular informações e

---

representações que relacionassem a imagem das futebolistas aos ideais de feminilidade, visando desmistificar a polêmica homossexual que rondava a prática do futebol feminino no Brasil” (SALVINI & MARCHI JÚNIOR, 2013, p. 112). Aqui, feminilidades se entrelaçam com corporalidades e também com a sexualidade.

Outros temas aparecem com frequência na análise da literatura como a definição do feminino pelo masculino, através de expressões como “Marta é o Pelé de saias” (COSTA, 2019); ou formas de infantilização, ridicularização e diminuição da capacidade e excelência esportiva de atletas mulheres ao chamá-las de “meninas” (CAFEO, BUENO & MARQUES, 2018). Os estudos sobre o futebol feminino, em particular, indicam representações diversas ao longo do tempo: das articulações com o exótico e peculiar no início do século XX (BONFIM, 2019), passando pela criminalização do período de 1940 a 1960 (BONFIM, 2019), chegando à erotização e branqueamento das décadas de 1980 e 1990 (SALVINI & MARCHI JÚNIOR, 2013), e à mulher forte dos últimos anos (MOURÃO E MOREL, 2005).

Sobre os estudos focados nas representações de torcedoras, que são talvez mais interessantes para compreender a personagem em questão, eles são diversos e nos indicam algumas representações hegemônicas: as embelezadoras de estádio, as marias-chuteira, a figura maternal, a apaziguadora e a masculinizada.

Costa (2007), por exemplo, afirma que as mulheres torcedoras são frequentemente rotuladas de embelezadoras de estádio e de marias-chuteira. O rótulo de embelezadoras de estádio não é de hoje. Como diz Costa (2007), “nas primeiras décadas do século XX, a presença de senhoritas da alta sociedade contribuiu muito para dar uma atmosfera fidalga ao esporte bretão associando-o à elegância, tranquilidade e beleza tornando-o, portanto, um esporte apropriado para as famílias mais abastadas”. A presença de mulheres foi fundamental de alguma forma para transformar o futebol em evento digno de atenção das elites. O de maria-chuteira parece remeter à antiga linhagem inaugurada por Eva: aquela de mulheres sedutoras que desviam o homem do caminho da virtude (Costa, 2007). Nesse caso, o interesse das mulheres não seria no futebol, mas nos jogadores, ou melhor, no dinheiro e fama dos atletas.

A representação mais maternal está muito presente nas narrativas sobre as torcedoras-símbolo de clubes brasileiros. Caso, por exemplo, em Belo Horizonte, da Vovó do Galo, da Dona Zuzu (torcedora do América) e da Salomé do Cruzeiro. Essa representação parece não questionar a legitimidade da presença dessas mulheres no



---

contexto do futebol (elas são mais “respeitadas” em alguma medida), mas parece funcionar também como um mecanismo de feminilização ao posicioná-las nesse lugar maternal das avós. Bandeira e Seffner (2018) falam também que no discurso da imprensa está muito presente a ideia de que as torcedoras são mulheres perfumadas, silenciosas e civilizadas. A presença delas seria um fator de mudança de comportamento dos homens com a diminuição do uso de palavrões e da violência nos estádios. Nascimento (2020) descreve algumas situações que vivenciou na pesquisa de campo em que as mulheres atuavam como apaziguadoras, mediadoras de conflitos nas arquibancadas, performando assim a conduta legitimada e prescrita para as mulheres torcedoras. Costa (2007) e Stahlberg (2009) falam também da imagem da mulher masculinizada, presente em algumas representações da mídia sobre torcedoras de futebol.

## **ANÁLISE**

Abaixo, dividimos a análise em “Produção”, “Texto” e “Consumo”, seguindo as propostas de Stuart Hall (1997) e Richard Johnson (1999) e, particularmente, nos inspirando no trabalho de Messa (2005) e Freire Filho (2007) ao tentarmos acionar as diferentes dimensões do circuito da cultura, buscando compreender como esses sentidos circulam e atuam como prescrições de comportamento, como pedagogias de gênero. Na Produção, investigamos falas de produtores e atores da telenovela sobre a personagem. Na dimensão do Texto, analisamos sobretudo os sentidos construídos em torno da representação hegemônica da maria-chuteira e da periguetete. No Consumo, investigamos textos da mídia que tratam da repercussão da personagem no contexto social mais amplo brasileiro.

### **Sobre a Produção**

Isis Valverde nasceu na cidade de Aiuruoca, interior de Minas Gerais. Aos 18 anos, em 2005, mudou-se para o Rio de Janeiro para estudar artes cênicas. A atriz estreou na televisão como a misteriosa Ana do Véu do remake de Sinhá Moça, tendo sua beleza revelada nos últimos capítulos da novela. Desde então, muitos dos seus papéis têm como foco, em menor ou maior grau, seus “dotes” físicos.

Dessa forma, a mineira foi escolhida para interpretar Suelen, uma mulher bonita e desinibida. Mas só a beleza natural não foi o suficiente. Para deixar as curvas mais torneadas, a atriz precisou passar a frequentar a academia quatro vezes na semana,

---

investindo pesado nos exercícios funcionais e na musculação (UOL, 2012). Como inspiração para compor sua personagem, Ísis revelou que sua musa foi Renata Frisson, conhecida como “Mulher Melão”. “Bordões da personagem como ‘Cabelo é poder’, ‘Meu corpo é esse, a pista é nossa’ e ‘BR (baixa renda)’ são criações dela”, disse a atriz (GANEM, 2012).

Sobre sua relação com a personagem, Isis diz que a moça não tem nada a ver com ela. “Não gosto de como ela se veste. Não chega a ser vulgar, mas não combina comigo. Não é meu estilo. Não gosto de cores, nada justo, meu look perfeito é uma mistura de rock com romântico, o oposto de Suelen”, diz. O mesmo vale para o rótulo de “periguete”, que também não entra na cabeça de Isis. “É um rótulo. Rotularam assim e assim será, mas eu não vejo desse jeito. Suelen é uma menina que quer chamar atenção, carente e recorre a isso para se firmar de alguma forma”, explica a atriz (MEVANGELISTA, 2012).

No dia-a-dia, é comum que as periguetes sejam chamadas de “piranhas”, mas João Emanuel Carneiro não tinha intenção de fazer Suelen ser uma personagem odiada e essa palavra forte prejudicaria isso. Então o autor optou por “ariranha” que “além de divertido de se falar, ariranha tem a característica de se alimentar de peixes grandes. E o foco de Suelen é abocanhar bons partidos, embora às vezes o tiro saia pela culatra” (CONDE, 2012).

Sobre a trama principal da personagem, com seus dois maridos, os atores demonstravam apoio para que o trisal terminasse junto. Daniel Rocha e Thiago Martins, que interpretam Roni e Leandro, respectivamente, torciam pela união. “Acho engraçado o povo aprovar uma relação como a do Cadinho, mas dizer não ao triângulo de Suelen e os meninos. É uma coisa imposta pela sociedade”, disse Thiago em entrevista à revista Caras. Na fala, o ator se refere ao marido poligâmico de Alexandre Borges - casado com Noêmia (Camila Morgado), Verônica (Débora Bloch) e Alexia (Carolina Ferraz) (HOJE EM DIA, 2012).

João Emanuel Carneiro preferiu deixar a história de Suelen terminar em aberto no último capítulo de Avenida Brasil, que ela não apareceu. Mas Isis Valverde finalizou a história em seu Instagram. Ela publicou uma foto com o filho do trisal que encantou o Brasil. O garotinho aparece vestindo uma camisa do Divino FC e a legenda diz “Para quem reclamou!!! Esse foi o bebê de Suelen, Roni e Leandro!!! Lindo, né? Seu nome na trama era Lionel! Fofó”. A postagem ultrapassou os 15 mil likes (LAFLOUFA, 2012).



## Sobre o Texto

Suelen aparece pela primeira vez no final do oitavo episódio desfilando entre as barracas da feirinha do bairro (Imagem 1). A personagem é extravagante, sempre está com unhas grandes pintadas com cores fortes, cabelo longo solto, cropped, legging, salto alto e barriga de fora com uma correntinha na cintura para completar o visual. É neste momento também que conhecemos sua música tema: “Correndo atrás de mim”, de Aviões do Forró. A letra apresenta a suburbana como objeto de desejo do bairro, como é comprovado na cena seguinte em que seu colega de trabalho, Darkson, pede-lhe uma chance e ela nega.



Imagem 1: Suelen entra em cena pela primeira vez ao final do oitavo capítulo (foto: Reprodução/Globoplay)

Na trama, Suelen é querida por todos os homens do Divino e se porta como a deusa deles. Ao longo da novela, ela se envolve com boa parte do elenco masculino. Personagens do futebol e de fora do futebol caem nos encantos da musa (LANA, 2014).

### *A ascensão da imagem de perigete*

A palavra “perigete” estava se popularizando no Brasil em meados de 2010, mas as mulheres sensuais sempre fizeram parte do imaginário popular e estão sempre presentes no audiovisual. Segundo Helen Hanson e Catherine O’Rawe (2010 apud LANA, 2014), as mulheres fatais se popularizaram nos cinemas ainda no final do século XIX quando as “representações arquetípicas da sensualidade perigosa – personificadas por Eva, Dalila, Medusa e Salomé – foram reformuladas” para serem independentes. A

---

virada que ocorreu foi que as femme fatale deixaram de querer ser resgatadas por um homem. “As condutas da mulher sensual são cada vez mais marcadas por sentimentos de desembaraço, extroversão e naturalidade para usar a sensualidade em busca de espaço na mídia” (LANA, 2014).

Suelen era uma reconhecida periguetete e não tinha vergonha disso. Lana (2014) define periguetete como uma “mulher sensual, que usa roupas curtas, apertadas e decotadas, acessórios exagerados e salto alto, sobressaindo-se visualmente na paisagem social pela exposição do corpo”. A personagem de Ísis Valverde se encaixa perfeitamente nessa descrição como pudemos ver na cena de apresentação da personagem. Para Suelen, uma vida bem-sucedida significa ter dinheiro. Para isso, ela grava cenas de sexo no celular para chantagear os parceiros, provoca incômodo nas mulheres do bairro onde vive e realiza fotografias nuas (LANA, 2014).

#### *Imagem de maria chuteira*

A famosa maria-chuteira de Avenida Brasil se autodenomina como tal e não vê vergonha nisso. Em dois capítulos podemos ver isso de forma marcante. No de número 33, Suelen diz que é maria-chuteira igual todas as outras, mas tem a dignidade de assumir. Neste mesmo episódio, ela abandona Leandro, seu namorado até então, por ter falhado no teste do olheiro. Essa mentalidade se mantém por toda a novela. Mais adiante, no 133, Suelen aparece orando para “São Pelé”, o padroeiro das marias-chuteira.

Mas além das próprias falas da personagem, podemos ver muitas cenas em que ela encarna o que culturalmente se entende por maria-chuteira. A seguir analisaremos duas dessas cenas.

Buscando conquistar fama, Suelen investe em sua carreira de modelo no concurso de “garota chapinha”, organizado em parceria entre o Divino e o salão de Monalisa (Heloísa Périssé). A vencedora, julgada pela bancada exclusivamente masculina, teria a oportunidade de estrelar a campanha do salão, a qual se tratava de uma mulher seminua utilizando as cores do time. Na ocasião, Suelen foi desclassificada após sabotar sua principal concorrente. Para os homens, a linda e inocente Tessália (Deborá Nascimento) assumiu o trono que antes pertencia à personagem maldosa e interesseira que Suelen representa.

Quando a novela já caminhava para o final, Suelen se casou com Roni em um casamento armado. Embora o jovem fosse um jogador promissor, o olheiro do Flamengo

afirmou que não poderia levar um atacante homossexual para a série A. Para solucionar o problema de Roni e o seu com o departamento de deportação (mais abaixo), Suelen aceitou ser sua esposa. Ao final, Roni acabou por ficar no time do Divino para se manter próximo à Leandro (Thiago Martins), seu amor platônico.

Por ser supostamente homossexual, Roni não gostava de fazer sexo com Suelen. Ela, por não conseguir ficar sem, decidiu buscar parceiros no treino do Divino. Em entrada triunfal (Imagem 2), ela chama a atenção dos jogadores e se oferece totalmente nua. Para não mostrar nudez, o diretor realiza enquadramentos sensacionais representando Suelen, o futebol e sua maneira de entrar neste meio. Enquanto isso, Roni tenta pará-la para não estragar o disfarce.

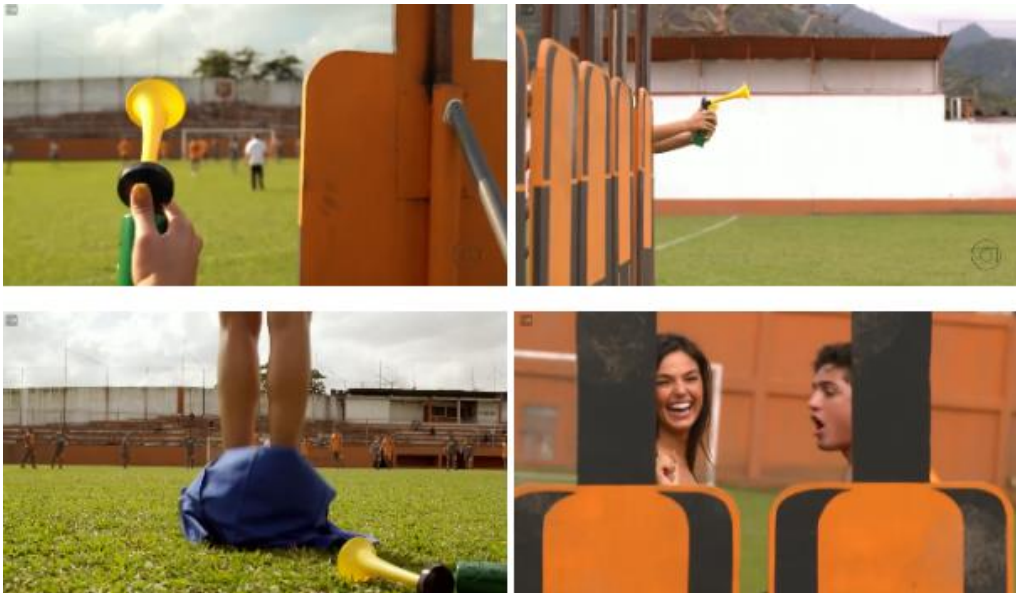


Imagem 2: Suelen invade o treino do Divino completamente nua no capítulo 122 (foto: Reprodução/Globoplay)

### *Mais que uma maria-chuteira*

Apesar da parte sedutora que toda maria-chuteira precisa ter, Suelen não nos deixa esquecer que o corpo não é tudo. Em uma discussão com Iran (Bruno Gissoni), ela afirma que precisa estudar muito sobre futebol para reconhecer e/ou formar craques da bola. A conversa se iniciou quando ela cobrou e deu dicas de futebol para o seu até então namorado conseguir alavancar a carreira.

Além disso, a trama também busca explorar as razões de Suelen agir como agia. Mais à frente na trama, é revelado que ela é uma imigrante ilegal boliviana, que foi trazida para o Brasil aos 16 anos para conseguir dinheiro por meio do sexo. O roteiro mostra que

a força que ela demonstra ter é resposta a ter sido vítima do tráfico de mulheres e de exploração sexual. No 29º capítulo, seu antigo cafetão passa a persegui-la cobrando o dinheiro que ela deve a ele. Sem saber o motivo da perseguição (que também não havia sido revelado ao público), Leandro a salva. Após chegarem em casa, ela, visivelmente triste, tira a roupa e diz “esse é o jeito que eu sei dizer obrigada”. Demonstrando, assim, que, para ela, o sexo é uma moeda de troca. Como afirma Lana sobre as periguetes, em observação sobre esse tipo de conduta,

Ela não pertence às classes médias, o que significa, no Brasil, não ser contemplada pelas conquistas feministas. O sexo, por exemplo, não é requisito para a construção da cumplicidade no relacionamento afetivo e pode ser usado, naturalmente, para manipular os homens (LANA, 2014).

### *E viveram felizes para sempre*

Após o casamento arranjado, Suelen se converte em uma “esposa exemplar” e passa a trabalhar com dedicação na loja. Com o tempo, Leandro, seu ex-namorado e melhor amigo de Roni, demonstra sentir ciúmes da recém-casada, enquanto Roni sente falta de Leandro, seu amor platônico secreto. Para solucionar isso, Roni convida Leandro para morar com o casal. Os roteiristas construíram o triângulo amoroso com insinuações.

Já ao final da novela, ainda morando juntos, Suelen desiste de tentar empurrar seus homens para o estrelato e afirma: “eu já assumi minha sina, morar com dois perebas da segunda divisão”. Fica subentendido que eles se assumem, finalmente, como um trisal possivelmente bissexual.



Imagem 4: À esquerda, Suelen afirma que seu destino é com Leandro e Roni no 172º capítulo; À direita, Suelen é anunciada como a nova líder de torcida do Divino no capítulo 175 (foto: Reprodução/Globoplay)

No desfecho da trama, Suelen tem um final modesto. Ela falou algumas vezes ao longo da trama que sonhava em ter uma família. Então, ela engravida e os três, Roni, Leandro e Suelen, formam sua família pouco convencional. Sua mudança indica a

---

contenção do final da história. Ela desejava sair da pobreza e ter uma vida melhor e ela, enfim, conseguiu (LANA, 2014). E, aqui, novamente é também a maternidade o “final feliz” construído para a personagem em alguma medida.

Quanto ao futebol, Suelen assume oficialmente o papel de líder da torcida organizada do Divino (Imagem 4). Mantendo sempre sua vontade de ser vista e desejada, enquanto os seus dois maridos a “protegem” enciumados.

### **Sobre o Consumo**

Suelen não pertence ao núcleo principal da trama, mas alcança muito sucesso junto ao público. A periguetete não é uma heroína, mas, tornando-se popular, instaura rupturas nesse quadro. Para Santos (2012), blogueiro do “De Olho nos Detalhes”, focado no entretenimento, Suelen conquistou o público graças ao talento de Ísis Valverde e à importância do papel. Mesmo que as periguetetes tenham se tornado comuns nas novelas da época, Suelen trazia um tempero a mais. Além de ser “arrogante e oferecida” como as outras personagens-tipo, ela “é sincera, decidida, não tem meias palavras e tem um passado nada fácil”, a fórmula perfeita para cair nos braços do público (SANTOS, 2012).

Um tópico muito discutido é o romance de Suelen com Roni. Os fãs do casal já subiam tags de “Ronielen” e “Ronielenlovers” antes mesmo do casamento acontecer. Não é a primeira vez que um homossexual se casa com uma mulher em uma novela. Em “A Favorita” (2008), o mesmo acontece com Orlandinho (Iran Malfitano) e Céu (Déborah Secco), mas, na época, o casal não despertou tanta comoção. Parte da comunidade LGBTQIA+ julgou a situação como um incentivo à homofobia. O blog “De Olho nos Detalhes”, por outro lado, apontou “um exagero nesta indignação, afinal se trata de uma ficção, e Roni pode até se revelar bissexual” (SANTOS, 2012).

Suelen teve um impacto importante na moda e nas dinâmicas do consumo no Brasil à época. Uma reportagem do Estadão de junho de 2012 define a periguetete como a “verdadeira ‘it girl’ do Brasil”. No texto, Nina Lemos explica que, apesar de mal caráter, Suelen tem alguma simpatia por fazer o que bem entende. A autora ainda afirma que essa é uma liberdade impossível na vida real, porque não “vamos sair por aí usando os outros”. Mas o público quer provar um pouco desse desprendimento e a melhor maneira de fazer isso é se vestir como a mulher do momento (LE MOS, 2012).

Era comum ver lojas anunciando brincos, vestidos, correntinhas e calças “da Suelen”. Em uma reportagem do Diário da Região, algumas lojistas de São José do Rio



Preto foram entrevistadas e relataram que as peças “da Suelen” se esgotavam rapidamente. Segundo uma das entrevistadas, as clientes entravam nas lojas pedindo pelo “cinto da Suelen”. Há muitos sites, também, que dão dicas de onde encontrar e como usar os acessórios de Suelen, um verdadeiro guia de como ser periguete (Imagem 5).



Imagem 5: Guia da Piriguete inspirado na Suelen de Avenida Brasil (foto: Blog Oxente Menina / Reprodução)

Na Folha de São Paulo, foi feita uma análise sobre a apropriação das vestimentas de Suelen pelas pessoas comuns. Segundo Whiteman (2012), a popularização do “look suburbana” não era só mais um fenômeno fashion lançado por uma novela de sucesso. A autora mostrou que os figurinistas de Avenida Brasil, na verdade, souberam captar a ascensão da classe C no país na época (WHITEMAN, 2012). Mas a elite da moda raramente admite ter como inspiração o estilo das classes mais baixas. Então, “as Suelens chegam às grandes revistas e catálogos com um verniz irônico, de quem diz: as ricas e elegantes estão agora ‘brincando’ de ser suburbanas” (WHITEMAN, 2012). O texto da Folha de São Paulo é finalizado com: “o mercado decretou e a novela registrou: outros acessórios e modelitos surgirão, mas o estilo dos subúrbios chegou ao topo da moda para ficar” (WHITEMAN, 2012).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho foi uma primeira aproximação com nosso objeto de pesquisa, que são as representações de mulheres ligadas ao universo do futebol em telenovelas. Buscamos desvelar os sentidos propostos por Avenida Brasil para a personagem Suelen e perceber como esta foi consumida largamente, sobretudo através de suas roupas e

acessórios. Suelen se aproxima muito da representação da musa/periguetete que está presente em outros contextos e também da maria-chuteira, esta sendo uma forma específica de retratar mulheres que buscam/mantêm relações sexuais/amorosas com atletas, sobretudo do futebol. A forma do empoderamento proposta pela novela, calcada numa espécie de “objetificação empoderada”, nos joga para a discussão da sensibilidade pós-feminista e como ela se materializa em figuras femininas contemporâneas (MCROBBIE, 2006; FREIRE FILHO, 2007; TOFFOLETTI, 2016).

Por fim, cabe mencionar como essas representações podem estar relacionadas com um contexto social que parece legitimar a violência de homens contra mulheres no geral e, em particular, de homens atletas contra as mulheres com quem eles se relacionam. Apesar do tema ser muito pouco explorado na academia brasileira, internacionalmente, temos estudos que apontam para como as masculinidades e feminilidades do esporte estão conectadas com pedagogias de gênero que legitimam a violência de atletas contra mulheres (CROSSET, 2000; MESSNER & STEVENS, 2002; TOFFOLETTI, 2007). Nesse sentido, cabe pensarmos nas reverberações mais amplas de representações como a de Suelen à luz dos casos de violência de gênero que envolvem os atletas do futebol no Brasil. Suelen é uma personagem de uma das novelas mais populares dos últimos anos no país, que vai ao ar apenas dois anos depois do goleiro Bruno tramar o assassinato de Eliza Samudio, e que termina apenas dois meses antes do estupro coletivo de uma mulher albanesa pelo qual o jogador Robinho, brasileiro, foi condenado em última instância na Itália. Para além de propor sentidos e ser construída a partir de sentidos que circulam na cultura, a pergunta que fica é: qual o papel dessa representação, em particular, nas condutas de homens e mulheres do contexto do futebol?

## REFERÊNCIAS

BANDEIRA, Gustavo Andrada; STEFFNER, Fernando. Representações sobre mulheres nos estádios de futebol. *Mosaico*, v. 9, n. 14, p. 284-301, 2018.

BONFIM, Aira Fernandes. **Football Feminino entre festas esportivas, circos e campos suburbanos: uma história social do futebol praticado por mulheres da introdução à proibição (1915-1941)**. 2019. Dissertação de mestrado.

CAFEO, M. R. G.; BUENO, N. C.; MARQUES, J. C. (2018). Guerreiras e Meninas: as representações sociais das atletas Olímpicas no jornal *O Globo* na “Rio 2016”. In: 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Joinville.

COSTA, L. M. (2007). O que é uma torcedora? Notas sobre a representação e auto-representação do público feminino de futebol. *Esporte e Sociedade*, 2(4), 1-31.



---

COSTA, L. (2019). Marta *versus* Neymar. A “Guerra dos Sexos” nos Jogos Olímpicos 2016. In: 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Belém.

DOS SANTOS, Henrique Sena. ENTRE TORCEDORAS E ESPORTISTAS: A PRESENÇA FEMININA NA REVISTA ILUSTRADA SEMANA SPORTIVA EM SALVADOR NOS ANOS 1920. **Saeculum–Revista de História**, 2012.

FRANZINI, Fábio. (2005). Futebol é" coisa para macho"?: Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol. **Revista Brasileira de História**, 25(50), 315-328.

FREIRE FILHO, J. Como ser uma adolescente liberada no terceiro milênio. In: **Reinvenções da Resistência Juvenil**. Os estudos culturais e as micropolíticas do cotidiano. RJ: Mauad, 2007.

GOELLNER, Silvana Vilodre. **Bela, maternal e feminina: imagens da mulher na Revista Educação Física**. Ijuí: Editora Unijuí, 2003.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v, 19, n. 2, 143-151, 2005a.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulher e esporte no Brasil: entre incentivos e interdições elas fazem história. **Pensar a prática**, v, 8, n. 1, 85-100, 2005b.

HALL, S. **Cultura e Representação**. Rio de Janeiro: PUC-Rio; Apicuri, 2016.

JAEGER, Angelita Alice; GOELLNER, Silvana Vilodre. O músculo estraga a mulher? A produção de feminilidades no fisiculturismo. **Revista Estudos Feministas**, v. 19, p. 955-976, 2011.

JOHNSON, Richard. O que é, afinal, Estudos Culturais? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **O que é, afinal, Estudos Culturais**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

MOURÃO, Ludmila; MOREL, Marcia. As narrativas sobre o futebol feminino o discurso da mídia impressa em campo. **Revista brasileira de ciências do esporte**, v. 26, n. 2, 2008.

MCRORBIE, Angela. Pós-feminismo e cultura popular: Bridget Jones e o novo regime de gênero. In: CURRAN, James; MORLEY, David. **Media and Cultural Theory**. London/New York: Routledge, 2006, p. 59-69. Tradução: Márcia Rejane Messa.

MÜHLEN, Johanna Coelho Von; GOELLNER, Silvana Vilodre. Jogos de gênero em Pequim 2008: representações de feminilidades e masculinidades (re)produzidas pelo site Terra. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 34, n. 1, p. 165-184, 2012.

SALVINI, Leila; JÚNIOR, Wanderley Marchi. “Uma história do futebol feminino nas páginas da Revista Placar entre os anos de 1980-1990”. **Movimento**, v. 19, n. 1, p. 95-115, 2013a.

SALVINI, Leila; JÚNIOR, Wanderley Marchi. “Notoriedade mundial e visibilidade local: o futebol feminino na revista Placar na década de 1990”. **Sociologias Plurais**, v. 1, n. 1, 2013.

SALVINI, Leila; JÚNIOR, Wanderley Marchi. “Registros do futebol feminino na Revista Placar: 30 anos de história”. **Motrivivência**, v. 28, n. 49, p. 99-113, 2016.

TOFFOLETTI, Kim. Analyzing media representations of sportswomen—Expanding the conceptual boundaries using a postfeminist sensibility. **Sociology of Sport Journal**, v. 33, n. 3, p. 199-207, 2016.

VIMIEIRO, A. C.; EUGENIO, F. R. ; PILAR, O. A produção acadêmica sobre gênero e esporte no Brasil (2000-2020). In: 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2021, Recife (virtual). Anais do Intercom, 2021.